

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-3>



Do subsolo para a podosfera - Conversas da Kata¹

Ana Oliveira
Bruner Titonelli
Marina Fonseca
Yazmin Safatle

Teaser: As origens

Elas tinham acabado de almoçar. As três saíram do Restaurante Universitário conversando aleatoriedades amenas que se emendavam sem parar. Os passos iam em direção à Katakumba, espaço com algumas salas, copa e banheiro reservado para pós-graduandes em Antropologia Social no subsolo da Universidade de Brasília (UnB). Passaram pelas escadas de transição entre o mundo do sol e do subsolo do Minhocão, também conhecido como Instituto Central

¹ Nas nossas redes, nós compartilhamos não apenas os episódios, mas também indicações de perfis, de *podcasts* e muito mais. Vocês nos encontram no twitter e no instagram com o @podcastdakarta. Nossos episódios estão disponíveis nos seguintes tocadores: Anchor, Spotify, Apple Podcast, Breaker, Overcast, Google Podcast, PocketCast e Radio Public. Nossos agradecimentos especiais vão para Marcelle Lucena, pelo *design* da Logo e Fabian Zierler, pela inclusão do código QR.

de Ciências (ICC), prédio famoso da UnB, e logo depois já estavam em frente ao portão de entrada. As chaves abriram as grades e, como um hábito já incorporado, seguiram até a copa.

Dois minutos depois, Mimi, a fofura em forma de gente, cuidava da água que estava por ferver. O pó de café estava pronto no coador esperando seu momento. Marina e Ana sentadas nos bancos ao lado falavam das revoltas na América Latina. Todas concordavam que não se falava o suficiente sobre isso. Agora estavam no Chile, mas tinham acabado de deixar a Bolívia. Enquanto tirava o rabo quente da jarra, limpava e aquecia a garrafa térmica, Mimi mantinha seus ouvidos mágicos e atentos, que, em um futuro próximo, seriam ótimos para revisar episódios. Mais uma vez ela nos deu um comentário certo: *A Colômbia também está em polvorosa*. As três se divertiram com a palavra que acaba de circular entre elas, e Marina já pensou em jogar mais pólvora em tudo. Salpicar uma reflexão instigante aqui e ali, juntamente com um comentário divertido, é justamente uma de suas melhores qualidades. Agora, o cheiro do café se espalhava e o Peru e a Argentina também entraram na roda.

Café com conjuntura latina prontos, elas seguiram para suas mesas de trabalho. Segunda porta à esquerda. Distância percorrida em meio ao *Geente! Tem café!* que es integrantes imersas em suas salas escutaram com um sorriso animado pela nova leva de combustível anunciada. Cada uma em seu canto volta a se dedicar a sua pesquisa com a xícara fumegante do lado. Ana solta um suspiro. *Ah, eu quero fumar um cigarro*. Marina brinca: *Eu quero a minha mãe!* Logo depois, Ana anuncia um novo tweet bizarro do presidente. Ela, nossa futura rainha twitteira e artista das estéticas comunicativas, está sempre por dentro das últimas novas. As três param um pouco e se olham pensativas ali, imersas em nosso pequeno reduto revolucionário, entre grades submersas.

Imagens de discursos desenhando uma Terra plana e vozes em defesa de torturadores passaram em suas mentes. Eram mentiras repetidas inúmeras vezes que desfilavam pelo país, incomodando e indignando. Ficar em silêncio era aterrorizante. *A gente devia gravar nossas conversas, tem muita fofoca mas também tem coisa boa aqui. O que vocês acham?* A pergunta plantou a semente do *podcast* e no meio do caminho, entre a ideia e o primeiro episódio, o quarto elemento apareceu. Enquanto pegava um café na mesma copa, Bruner ouvia uma conversa animada da proposta que caminhava. Curiosamente interessado, perguntou sobre o proje-

to e logo depois já era integrado à recém criada equipe de futuros *podcasters* com a cabeça fumaçando ideias. Sua marca registrada seria mesmo essa espontaneidade e criatividade, sempre aparecendo com mil ideias para o *podcast*.

Episódio #0: Por que Kata?

Não foi exatamente assim, mas poderia ter sido. O nosso *podcast* abduz o público para esse mundo de clima acolhedor, atmosfera informal, com cheirinho de café, conversas e reflexões entre colegas e amigos. A Katakumba, carinhosamente chamada de Kata, é um dos cantinhos encantados da UnB, onde mes-trandes e doutorandes da Antropologia trabalham desde 1972, ano de criação do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS). É um espaço de estantes, livros, mesas, cadeiras, rede para cochilo, pessoas, fones de ouvidos, café forte sem açúcar e morcegos. Sim, morcegos! Por isso, no início de cada episódio, vocês escutam o som de asinhas de morceguinhos batendo. Há um tempo nossos antropólogos em formação conviveram com morcegos na Kata e, desde então, es katacumbeires são chamades também de morceguinhos.

Mas a Kata é também um espaço de debates, concentração, rascunhos, brincadeiras, ideias, escrita, companheirismo, projetos, acolhimento e amizade. Nossa vinheta foi pensada justamente para trazer para vocês um pouco dos diferentes tópicos e frases mais comuns que circulam e preenchem essa nossa (quase) casa. Nas cadeiras ou nas redes, desabafamos, colocamos nossas angústias, jogamos para os ventos do subsolo aquilo que, às vezes em palavras escritas ou digitadas, não conseguimos expressar.

O nome do nosso *podcast*, “Conversas da Kata”, veio emprestado do evento acadêmico que era a cara da Katakumba transformada em congresso e organizado pelas próprias pós-graduandes do PPGAS. O evento surgiu quando es katacumbeires levaram os debates e conversas animadas que ocorriam sem hora marcada nesse ambiente para a sala de reuniões, uma antiga sala de aula espaçosa com quadro na parede. Esses katacumbeires já sabiam na época que o que conversavam podia ser levado para outres colegas. Assim, trabalhos foram apresentados e discutidos em um ambiente aconchegante. Mesas e oficinas com temas de grande interesse des discentes inspiraram e animaram algumas gerações katacumbeiras. A partir de 2013, o evento passou a ter um caráter oficial e anual.

As sete edições do evento “Conversas da Kata” já foram mais que suficientes para transformar este evento em uma tradição muito bem quista pelas estudantes de graduação e pós-graduação. Cada comissão organizadora tem autonomia para reinventar tudo de acordo com a conjuntura e necessidades descobertas. Assim, o que começou como uma conversa mais interna entre colegas mais ou menos próximas se transformou em um espaço de acolhimento, debate e experimentação que se expandiu para a graduação, outras instituições e até mesmo outros formatos. A autonomia, o jeitinho informal e as conversas muito produtivas desse encontro estudantil, foi o que nos inspirou a guiar o espírito do evento rumo para fora daquele subsolo. Assim ele adquiriu uma nova forma: ondas sonoras navegantes pela podosfera.



Nossa querida Kata: aconchego e concentração. Autoria: Bruner Titonelli

Episódio #1: A trajetória do *podcast*

Mas nosso projeto não surgiu apenas da Kata. Ele foi tomando forma em conversas nos intervalos de aulas, nas mesas de bar, nas caminhadas pela universidade, nas angústias das leituras... até que um dia aconteceu aquilo que algumas pessoas chamam de coincidência e outros de o universo atuando a nosso favor: Ana apareceu com um edital do Estúdio Ralacoco de Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB. Estavam se propondo a ajudar em

projetos de *podcast*. Sentamos juntas na Katakumba e botamos nossas ideias no papel. Assim, fomos acolhidas em uma sala pequena com isolamento acústico e fomos instruídas por uma equipe muito querida na arte da gravação e edição.

O *podcast* nasceu do nosso desejo de pular os muros da universidade com as nossas vozes, alcançar um público que normalmente não lê os nossos textos e não comparece nos nossos eventos, falar de nossas pesquisas e mostrar a importância da ciência da Antropologia mundo afora. Nós estávamos engasgadas com reflexões e palavras apenas ditas entre nós sobre tanta coisa que não anda bem, mas também sobre acontecimentos que nos trazem alegria e esperança, assuntos que nos cativam, que fazem nossos corações baterem mais forte.

Como bem sabemos, para sonhos se tornarem realidade, o caminho é longo. Quem nunca começou um projeto, um texto, uma obra de arte sem saber exatamente aonde vai chegar? Com o nosso *podcast* não foi diferente: das ideias iniciais até o formato que temos hoje foi uma jornada e tanto. Debates, discordâncias, atrasamos, mudamos, repensamos, até conseguirmos entender qual era o nosso objetivo e como queríamos concretizá-lo. Os aprendizados assim não foram apenas das técnicas de produção, mas também do trabalho em equipe, desenvolver o que chamamos de linha editorial, chegar a um consenso de como queremos tocar o *podcast*.

O processo de criação coletiva tem dessas coisas, né? E percebemos que estamos abertas para que esse projeto se transforme conforme as necessidades enfrentadas, como também acontecia com o evento acadêmico a cada edição, é um passo importante. Assim, a espontaneidade e a experimentação fazem parte da organização. De vez em quando, acontecimentos importantes e comoventes nos obrigaram a readaptar o cronograma para não perdermos o momento de falar sobre o assunto e, quem sabe, contribuir para as causas defendidas. Foi assim com os protestos que tomaram as ruas do Peru e com o tópico do marco temporal em 2020.

As manifestações no Peru aconteceram depois que o agora ex-presidente Martín Vizcarra sofreu um *impeachment* e o político chamado Manuel Merino, ligado a uma agenda conservadora de direita, tomou posse. Ele nomeou uma série de ministros nessa linha política. No episódio, falamos sobre a violência policial que fez duas jovens vítimas no Peru e sobre as várias reivindicações desses protes-

tos. A demanda não era apenas pela renúncia de Merino, mas também por uma nova constituição.

Já o nosso Episódio #06 - “A história não começa em 1988 - O marco temporal como negação do direito originário”, diz respeito a uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) que defende que povos indígenas só teriam direito às terras que ocupavam efetivamente no dia 5 de outubro de 1988, dia da proclamação da constituição. Se tornada lei, essa tese teria o poder de paralisar os processos de demarcação de terras indígenas em curso e até mesmo de reverter demarcações já feitas. Discutimos porque essa lei seria uma tragédia para os povos indígenas e falamos do seu teor um tanto colonialista e de como nela é ignorado o histórico de expulsão e negação de acesso das diferentes etnias às suas terras.

Retomando o fio da meada: quando o caminho da nossa equipe *podcaster* parecia mais firme, veio a pandemia da COVID-19, nos afastando do estúdio da Ralacoco e da nossa querida Katakumba. O *podcast* acabou se tornando cada vez mais um espaço de conexão, desabafo e divulgação do que estávamos passando e pesquisando em meio a esse cenário digno de filme distópico. Foi a maneira que encontramos de nos mantermos conectados entre nós e com as colegas, mesmo com a distância física, e transformarmos algumas angústias em processo criativo a ser compartilhado com alguns cliques.



Nossa equipe: de esquerda à direita: Marina Fonseca, Yazmin (Mimi) Safatle, Ana Carolina Oliveira e Bruner Titonelli no saudoso estúdio Ralacoco. Autoria: Fernando Alves.

Episódio #2 - Popularizar a Antropologia

O antropólogo Tim Ingold (2016) diz que se a Antropologia não tem o impacto que merece no mundo, isso se deve em parte por estar muito fechada no seu próprio mundo, presa em pensar a si mesma. Nós gostamos de dizer que “antropólogo se mete em tudo”, isso se reflete na diversidade de temas de pesquisa e de locais de trabalho. Estamos presentes em todos os cantos possíveis da esfera pública, trabalhando no Ministério da Saúde, das relações internacionais, em ONGs que atuam em defesa do meio ambiente ou então que lutam em defesa de vítimas de violência. No nosso episódio “Antropologia a serviço de que(m)?”, discutimos o quanto que antropólogos atuam fora da universidade, mas, como nosso professor Henyo Trindade Barretto Filho colocou, a Antropologia ainda não tem sido capaz de pautar a sua própria imagem. Isso significa que a maior parte das pessoas não sabe o que entender por “Antropologia” ou tem ideias bem distantes da realidade.

Em outro episódio, “Procura-se Antropóloga: O misterioso mercado de trabalho da antropologia”, conversamos com a antropóloga Soraya Fleischer sobre o (oculto) mercado de trabalho da Antropologia, que também é tema de uma das matérias que ela oferta na graduação em Ciências Sociais da UnB. Descobrimos juntas, as diversas funções que antropólogos ocupam e as várias habilidades adquiridas ao longo da formação.

Acreditamos ser possível e desejável um mundo em que as pessoas saibam o que é Antropologia. Somos parte dessa onda de *podcasts* em Ciências Sociais que, como bem descrevem Soraya Fleischer e Daniela Manica, “comunicam, traduzem e popularizam o conhecimento produzido na área” (2020, p. 50). Essas autoras mencionam a importância de atingir um público mais amplo principalmente em tempos de ataque às Ciências. Isso se dá também porque se as pessoas não conhecerem a Antropologia, elas não vão reconhecer sua importância e não vão contribuir para sua defesa quando essa área de conhecimento “sofrer ataques, tiver recursos cortados, tiver a legitimidade questionada” (FLEISCHER, 2020). Para isso, é fundamental pensar em outras formas de divulgação que não textuais, construindo um material atraente, com textos curtos e criativos, imagens e vídeos e material auditivo.

Com o *podcast* damos um passo nessa direção e apostamos em uma *Antropologia pública* (MARTIN; MADRONAL, 2016). Isto é, uma Antropologia que não se restringe ao meio acadêmico e pretende contribuir ativamente para a transformação da sociedade. Isso não significa se posicionar em termos de partidos políticos, mas no sentido de Ingold (2016) de uma *Antropologia comprometida*: possuir um comprometimento com a vida. Talvez vocês já tenham visto a frase: *Se você fica neutro em situações de injustiça, você escolhe o lado do opressor*. Essa frase atribuída a Desmond Tutu, bispo e ativista pelos direitos humanos da África do Sul, corresponde bem ao que tem sido discutido na Antropologia latino-americana, impulsionado pelas contribuições de antropólogos negres e indígenas (JIMENO, 2004). Fazemos coro aos antropólogos que concebem o posicionamento diante de situações de violência e de injustiça como parte do trabalho intelectual, além de ser um compromisso que assumimos com as comunidades que nos recebem (MARTIN; MADRONAL, 2016). Compromissos são parte do que significa fazer pesquisa.

Episódio #3: Irreverência e Antropologia

Diferente da escrita acadêmica, os nossos episódios de duração de 30 minutos a uma hora no geral, são menos formais, menos solitários: transparece o clima confortável de conversa, como se estivéssemos na nossa querida Kata. Podemos fazer piadas, podemos nos atrapalhar um pouco na fala e a irreverência está nisso: liberdade de fala, liberdade de forma e até de soltar um palavrão às vezes e criticar tudo e todos que queremos. Irreverência é cada uma poder se expressar de forma autêntica, do jeitinho que é. Viemos de um ambiente universitário no qual a linguagem, principalmente a escrita, é bastante regrada e sujeita a diversas normas. Essa linguagem, a dificuldade de acesso - é preciso saber como e onde procurar - e o tamanho de muitos textos, acaba por manter as pesquisas restritas à comunidade acadêmica.

Nós queremos falar mais sobre nossas pesquisas sem nos preocuparmos se estamos usando a fonte New Times Roman 12 e espaçamento 1,5 (as chamadas “normas ABNT”). E o que poderia estar mais distante desse formato do que a onda sonora irreverente? Assim, nos permitimos fugir dessas regras. Ainda que saibamos que, no mundo dos *podcasts*, outras regras vigoram, percebemos que estas estão mais condicionadas ao que desejamos e aos nossos objetivos pessoais

e não ao que já é imposto. Isso nos faz recordar da nossa querida Kata: nos sentir à vontade para nos expressarmos como bem queremos, ser mais do nosso jeitinho com as nossas regras. Entendemos, por exemplo, que até os nossos diferentes tons de voz e jeitos de falar são importantes e colaboram para que a mensagem chegue.

Não achamos que precisamos dizer: “*agora vamos fazer uma análise social: é o seguinte...*”, mas, sim, que podemos abordar as temáticas a partir das nossas inquietações, questionar, criticar, trazer referências. Envolver o público sem uma advertência de que isso que fazemos é crítica social, é problematização. Tentamos manter uma linha editorial mais ampla e geralmente fugindo da teoria pesada, que muitas vezes espanta até antropólogos. Nos esforçamos para diluir um pouquinho desse conhecimento nas conversas de cada episódio, sem nenhuma pretensão de esgotar os assuntos complexos dos quais falamos.

Bem nessa pegada, nossos roteiros são um norte, um guia para as conversas, e não uma receita pronta a seguir. No geral, dividimos os nossos episódios em blocos temáticos e pensamos em algumas perguntas centrais para nossas convidadas. Nos episódios mais longos, podemos aprofundar uma ou outra questão e até nos permitir um pequeno devaneio. Tudo isso de maneira leve, descontraída, como em um papo com cafezinho.

Por acreditarmos no que Ingold (2016) nos contou anteriormente, sabemos também que acessar a Antropologia fora da academia é difícil e tem seus obstáculos. Nós mesmas já nos questionamos se realmente entendemos o que tal autore disse por causa de uma escrita tão rebuscada que parecia outro idioma. Óbvio que amamos ler, mas as cores proporcionadas pelas ondas podosféricas são potentes experimentos de conexão com outros mundos não acadêmicos.

Assim, utilizamos diferentes formatos de episódios a depender dos nossos objetivos. As nossas “séries” são conjuntos de episódios e pílulas que têm uma temática maior em comum, um guarda-chuva, por assim dizer, como as revoltas de 2019 nos países da América Latina. Nosso *podcast* nasce junto com essa eferescência popular. Nem bem dávamos os primeiros passos e já iniciamos com uma série que chamamos de “Especial América Latina” que no momento de escrita desse texto conta com três episódios (sobre o Chile, a Colômbia e o Peru) e ainda não está encerrada. Através das nossas conversas com pessoas vivendo os protestos de pertinho, buscamos explicar um pouco das motivações por trás das

mobilizações populares e perceber as diferenças e as semelhanças entre o que os nossos vizinhos latino-americanos estão vivendo. A veia antropológica de comparar pulsa fortemente quando falamos sobre esse tema. Nós e as nossas convidadas sempre ficamos surpresas com os paralelos entre as situações vividas pelos nossos países. A característica fundamental dessa série é a análise das semelhanças existentes com a situação brasileira.

Ao perceber a importância de se pensar e conversar sobre o momento que estávamos enfrentando coletivamente - embora isolados fisicamente - , criamos a nossa segunda série: “Conversas de Quarentena”. Ela surgiu quando duas de nossas integrantes fizeram algo que viraria rotina no próximo ano: uma vídeo-chamada. Algo inimaginável àquela altura. Nesta conversa cheia de debates acalorados, tentamos entender como fazer para manter nossas pesquisas, saúde e vida durante a pandemia. A série veio da necessidade de desabafar sobre as condições de estudo, trabalho antropológico e questões do cotidiano de enfrentamento da pandemia. Até agora tratamos sobre problemas envolvendo trabalho de campo, produtividade acadêmica, ensino remoto emergencial implementado pela UnB, das condições de trabalho de entregadoras de aplicativo e das mães pesquisadoras nesses tempos de isolamento.

O formato escolhido para essa série foram as “pílulas”. Basicamente, elas vêm em “doses menores” e mais sintéticas que os episódios. Elas têm menor duração, são mais focalizadas e muitas vezes trazem relatos com começo, meio e fim. Nelas trazemos mais das nossas próprias elaborações e conversamos menos com convidadas. É um ótimo formato para tratar de temas mais urgentes, que precisam de engajamento por parte da sociedade, como a greve de entregadoras e realizar um desabafo mais “a jato”. Por serem mais curtinhas, elas circulam pelas redes com mais facilidade, alcançando mais pessoas.

No “Conversas de Quarentena”, falamos dos desafios de trabalhar de casa e das desigualdades escancaradas nesta pandemia. Em uma das cinco pílulas produzidas desta série, falamos sobre o trabalho de campo, o método mais usado na Antropologia, em tempos de pandemia. Como este envolve geralmente o deslocamento de antropólogo para observar, participar, conversar e aprender com outras pessoas, buscamos conversar com quem realizou seu trabalho de campo nos últimos minutos do segundo tempo, antes do apito que dava início à quarentena pelo COVID-19.

Outra pílula da série de quarentena que merece especial atenção é aquela sobre o Ensino Remoto Emergencial da UnB. Nesta, conseguimos agregar as narrativas de uma professora, de uma estudante de graduação, de uma doutoranda que também é mãe, de um mestrando indígena e de um graduando em Ciências Sociais que teve COVID-19. As aulas presenciais migraram para o formato virtual, assim como os seminários, eventos acadêmicos, reuniões, dentre outros. Isso fez com que toda a comunidade acadêmica tivesse que se readaptar a esse novo formato. Muitos estudantes tiveram problemas com acesso à Internet, dificuldades financeiras e ainda enfrentaram o luto, o adoecimento e os cuidados de familiares mais vulneráveis. O episódio é uma forma de não nos fazer esquecer que, por trás da tela, existem diferentes histórias e desafios a serem enfrentados nestes tempos de pandemia.

Outro assunto muito abordado no nosso *podcast*, e principalmente nas nossas pílulas, são experiências de mobilização política, protestos e movimentos sociais. Afinal de contas, foram esses acontecimentos que alimentaram nosso desejo de fazer ciência em outro formato, né? No *podcast*, buscamos sempre trazer um contexto mais geral e entender o que está por trás de movimentos. Na pílula sobre a greve dos entregadores de aplicativos, por exemplo, discutimos como o fenômeno da chamada *plataformização* de empresas precariza as condições de trabalho dessa categoria. Esse conceito diz respeito ao processo de empresas oferecerem seus serviços através de aplicativos e *sites* na Internet, de maneira que os encontros físicos entre os agentes envolvidos se tornam cada vez mais escassos. Sob a promessa de “liberdade de escolha” e “pouca burocracia”, esses trabalhadores precarizados precisam trabalhar muitas e muitas horas por dia para conseguir uma remuneração mínima. Eles não têm direito a seguro em caso de acidente ou assaltos.

Estamos nos aventurando também a falar sobre alguns assuntos mais gerais, porque há magia nas coisas mais cotidianas! E não só magia. O dia a dia nos revela muito sobre a nossa sociedade, como ela sofre os efeitos de um mundo conectado, *globalizado*, como dizemos nas Ciências Sociais, e da forma como se dá a economia e as relações entre as pessoas e países. O futebol é um bom exemplo. É só olhar para como se dá o financiamento dos times e o que ele nos revela sobre interesses de quem detém o poder. Ou, então, por que houve mudanças no estilo do jogo? De onde esse jeito específico de jogar vem? Quem determina isso? O que

isso tem a ver com globalização? A Antropologia também olha para as arquibancadas nessa tentativa infundável de entender o mundo e deve se apropriar dessas situações que são tidas como corriqueiras para alimentar debates importantes feitos também fora da academia. Por que não discutir sobre racismo, usando os cantos das torcidas organizadas?

Queremos desmistificar a ideia de antropóloga Indiana Jones com caderninho, chapéu e facão desbravando a selva, assim como aquela ideia de acadêmique sempre calado sentado no seu gabinete lendo até o raiar do dia. Nossa Antropologia também é feita nos corredores e nas mesas de bar, e ela não perde sua potência por isso. O formato mais livre do *podcast*, e as publicações escritas na internet que o acompanham, nos permitem também trazer autoras não tão valorizadas dentro da universidade. Além de resgatar a produção de inspirações para nós como Zora Hurston e Marlene Cunha, usamos o nosso espaço para divulgar o trabalho de nossas colegas, como em nosso episódio 5 - “Zora Hurston e as Negras Antropologias” e na pílula 6 - “Nossos Passos vêm de longe - Coletivos Negros na Pós-graduação, construção e resgate do nosso saber”.

Zora Hurston e Marlene Cunha são antropólogas negras. Zora nasceu em 1891, era estadunidense e trabalhou com folclore negro nos Estados Unidos e com a religião Voodoo no Haiti e na Jamaica. Seus trabalhos mostram a relação entre gênero e raça e o papel subversivo do folclore. Marlene Cunha foi antropóloga brasileira, pioneira no trabalho de gestualidades na religião afrobrasileira Candomblé mostrando as relações com a ancestralidade africana no Brasil (Cunha, 2017). Dois coletivos negros fazem homenagem a essas duas antropólogas: Coletivo Zora Hurston (PPGAS da UnB) e Coletivo Marlene Cunha (PPGAS da UFRJ). Vocês encontram esses dois coletivos no Instagram: @coletivozora e no Facebook: @coletivonegromuseunacional.

Episódio #4: Construindo redes

Ao adentrar a podosfera, percebemos a necessidade de estar presentes em redes sociais, como o Instagram e o Twitter (a era do Facebook meio que já acabou, né?). Fomos experimentando diferentes maneiras de administrar as redes, pegando o jeito e conhecendo nosso público. De acordo com os dados oferecidos pelo Instagram, nossas principais ouvintes são de Brasília (57,8%), mulheres (60,2%), majoritariamente entre 25 e 34 anos. Isso também mostra que ainda te-

mos um caminho a percorrer para circular na Internet de maneira a dialogar com pessoas de outros cantos do Brasil e de outras idades e profissões.

Para conseguir ampliar a nossa rede, percebemos que deveríamos começar aproximando de colegas e pessoas com as quais nós temos afinidades. Por isso criamos a Série #IndicaçãoDeKinta nas nossas redes sociais. Em tempos de desvalorização das ciências, de crises sociais, políticas, sanitárias, e de ódio à diversidade, essas redes se tornam ainda mais importantes. Assim como o espaço físico da Katakumba e o evento Conversas da Kata nos levam a conhecer pesquisas e projetos maravilhosos que muitas vezes não conseguem o alcance que merecem, a #IndicaçãoDeKinta foi a forma que encontramos para fazer isso no modelo virtual. Toda quinta-feira lançamos uma dica nas nossas redes sociais de algum trabalho que gostamos - desde editoras independentes, canais de divulgação científica com propostas parecidas com as nossas até clube de escrita.

Aumentar a visibilidade do *podcast* e o número de ouvintes - e, assim, antropologizar mais ouvidos -, é possível, dentre várias outras formas, por engajamento também nas redes sociais. A forma que encontramos para manter as redes ativas não só com episódios foi diversificando o que postamos e compartilhando mais informações interessantes do mundo das Ciências Sociais e da Antropologia.

Por isso, além de nos ouvir, vocês também podem ler histórias da Katakumba que estão sendo lançadas aos poucos. Trata-se de relatos de colegas e professorias que vivenciaram esse espaço de convivência em diferentes momentos. A Série “Antropólogas marginalizadas” também surgiu do desejo de manter as redes ativas, com uma pegada diferente: apresentamos brevemente a biografia e relevância de antropólogos discriminados no meio acadêmico por conta de raça (aqui estamos falando de uma realidade social, não biológica), classe, orientação sexual e/ou país de origem. Dessa maneira, fazer *podcast* é muito mais do que fazer apenas episódios sonoros. Nos tempos de hoje, é também estar presente nas redes sociais e usá-las para falar do que é importante para a gente.

Das diversas ferramentas que essas plataformas nos oferecem, a *stories* do Instagram é a que utilizamos com mais frequência. Sempre compartilhamos as prévias com títulos, imagens e um pequeno áudio dos episódios e pílulas. Gostamos desta ferramenta por ser um ambiente mais personalizado, em que o público pode conhecer os rostos por trás das vozes do *podcast*. Tornamos tudo

mais pessoal, mais afetivo e saciamos um pouco das curiosidades ao colocar tanto a nossa carinha, como o processo de gravação e de edição para jogo nos *stories*. Por fim, mas nem um pouco menos importante, é nas nossas redes sociais que vocês conhecem nossa quinta integrante, ao mesmo tempo nossa mascote: a gata revolucionária Mercedes. A dona do grande miado da América Latina está sempre presente nos momentos de gravação e edição dos episódios e acompanhando as notícias do Sul global.



Nossa quinta integrante: a gatinha Mercedes. Autoria: Marina Fonseca

Episódio #5 - Antropologizando a podosfera

Começamos nossa caminhada na podosfera levando para as redes os bate-papos que tínhamos dentro da Katakumba, nosso espaço de conversas aconchegantes. Foi uma maneira que encontramos de pular os muros da universidade. Com a pandemia da Covid-19, o *podcast* também se tornou uma forma de nos manter conectados e de desabafar e refletir sobre esses tempos. Alguns percalços cruzaram nosso caminho, é claro, mas em meio a espontaneidades e experimentações fomos aos poucos encontrando nosso melhor ritmo.

A navegação em ondas sonoras transcorreu com irreverência. Com nossos diferentes tons de voz desviamos dos padrões estabelecidos por regras em Times

New Roman 12 e espaço 1,5. Seguimos em direção a mundos não acadêmicos usando alguns conceitos das Ciências Sociais de forma acessível, antropologizando mais ouvidos. Nesse momento tão polarizado, marcar posições significa avançar um pouco nas trincheiras. Acrescentamos uma pulguinha atrás da orelha, um dilema, uma nova perspectiva ao universo de possibilidades em que nossas ouvinties circulam.

Nesse caminho, compartilhamos e provocamos reflexões sem perder os toques de levezas necessárias à vida. E aí, está esperando o quê? Vá na sua plataforma favorita e aperte o play...

Referências

CUNHA, João Alípio de Oliveira. Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola. À memória de Marlene de Oliveira Cunha. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 26, v.1, 2017.

FLEISCHER, Soraya. Professoras usam o podcast para divulgar a Antropologia. *Entrevista para o Blog Dissertação sobre Divulgação Científica*, jun. 2020.

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. *Boletim da Anpocs. Ciências sociais e o Coronavírus* 78, ANPOCS, 07/07/2020.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set./dez. 2016.

JIMENO, Myriam. La vocación crítica de la antropología latinoamericana. *Maguaré*, Colombia, v. 18, p. 33-58, 2004.

MARTÍN, Juan Carlos Gimeno; MADRONAL, Angeles Castano. Antropologia Comprometida, Antropologia de orientação pública e decolonialidade: desafios etnográficos e descolonização de metodologias. *OPSIS (On-line)*, Catalão-GO, v. 16, n. 2, p. 262-279, jul./dez. 2016.



Acesse aqui a página do *podcast* Conversas da Kata na Rádio Kere-kere

Ana Carolina Oliveira é mestranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília com enfoque na área de Antropologia Econômica. Tem interesse por questões relacionadas aos fenômenos de globalização, financeirização da economia e formação de Estado. Também estuda as práticas e tecnologias envolvidas nos projetos de desenvolvimento nacionais focados nas práticas agrícolas. *E-mail:* a.carolinaroliveira@gmail.com.

Bruner Titonelli Nunes: Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisa temáticas relacionadas ao Estado, política e instituições. É membro do Grupo de Pesquisa Etnografia das Instituições e das Práticas de Poder (CNPq). *E-mail:* brunertnt@gmail.com

Marina Fonseca: Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e Mestra pela Universidade de Brasília. Além de antropóloga e podcaster, é artesã, ciclista e amante de futebol. Trabalha com conflitos agrários envolvendo povos indígenas no Mato Grosso do Sul e Maranhão, com retomadas de terra e outras formas de autodefesa e construção de autonomia. *E-mail:* marinafonseca.bw@gmail.com

Yazmin Safatle: Mimi, mestranda pelo PPGAS da UnB. Ela já trabalhou com mulheres que tiveram filhas com a síndrome congênita do Zika no Recife, história de vida, história oral e luta pela terra nos anos 1980. Atualmente estuda estratégias de resistência de sociedades rurais e quilombolas. O seu enfoque está na narrativa de mulheres. Membro do Laboratório Matula - Sociabilidades, Diferenças e Desigualdades. *E-mail:* yazmin.safatle@hotmail.com